

Tema 1 – Antes de Mim: 1.3 – A Cultura

1. Os seres humanos quando nascem já possuem uma pré-disposição para um comportamento sociável. O bebe possui variadas competências definidas geneticamente para a sociabilidade, tais como: - Competências perceptivas, que se observam quando a criança nasce, esta nasce provida de órgãos sensoriais que a tornam apta a captar o mundo mediante a discriminação de estímulos visuais, olfativos, auditivos e táteis etc.;
- Competências cerebrais, observadas na maturação pré e pós natal dos mecanismos corticais, em correlação com o desenvolvimento de uma rede complexa de neurónios, que permite a manifestação de capacidades na criança que se considerem especificamente humanas;
- Competências simbólicas, estas encontram-se entre as capacidades que se incluem no património hereditário da criança, conta-se a pré-disposição para a criação de sistemas linguísticos, meio poderoso de incrementar a evolução do pensamento, a aproximação e a interação com os outros;
- Competências relacionais, a tendência para a relação depende de todas as competências anteriormente referidas. A ideia de que muito precocemente a criança revela sensibilidade e abertura do ser humano é amplamente aceite, considerando-se que já nasce predisposta a relacionar-se com os outros.
Porem estas competências não são entregues de forma acabada à criança, necessitando ela de um meio social para as desenvolver

2. Desde muito cedo que o interesse pelas questões, pela natureza da linguagem e pela importância das interações sociais. É neste contexto que surgem as “crianças selvagens”.
“Criança selvagem” é a designação usualmente atribuída a uma criança que cresceu e se desenvolveu fora da sociedade, fora da cultura, fora da civilização, por vezes sozinha, por vezes na companhia de animais, mas em todo o caso, sempre longe dos modelos humanos e das relações sociais.
Podemos ver que há pelo menos três tipos de “crianças selvagens”:
- Aquelas que terão sobrevivido por si mesmas;
- Aquelas que efetivamente parecem ter sido criadas e auxiliadas por animais;
- Aquelas que cresceram em clausura, confinadas ao isolamento.
Na maioria dos casos desconhece-se não só a idade em que as crianças deixaram de interagir com seres humanos, mas também as circunstâncias que levaram ao seu abandono.
As investigações e registos sobre “crianças selvagens” mostram-nos que as interações precoces com outros seres humanos são condições indispensáveis para o desenvolvimento das competências linguísticas, cognitivas, afetivas, sociais e culturais.
Mas se é verdade que existe uma disposição genética para que os seres humanos

desenvolvam competências linguísticas e relacionais, porque é que as crianças privadas de interações sociais, depois de recolhidas, não recuperam estas capacidades? Haverá uma idade, um “período crítico” a partir do qual o desenvolvimento e a aprendizagem dos comportamentos especificamente humanos se tornam impossíveis ou ficam bastante comprometidos?

Muitos investigadores parecem hoje concordar que há uma idade própria, um “período sensível”, para desenvolver capacidades linguísticas. É neste período, a que alguns chamam “janela de oportunidades”, que a criança se humaniza, em resultado de interação social e do contacto com os outros.

Passada a idade para desenvolver a linguagem – a infância – inúmeras possibilidades parecem desaparecer, aparentemente de forma quase irreversível.

Em suma, as “crianças selvagens” mostram que a nossa humanidade não depende de fontes genéticas, mas sobretudo da ação de socialização e dos padrões culturais.

3. A socialização é um processo pelo qual, ao longo de toda a vida, o ser humano aprende e interioriza os diversos elementos da cultura envolvente, integrando-se assim no meio ambiente social e cultural em que deve viver. A socialização promove nos indivíduos- através dos seus agentes significativos- a interiorização de um conjunto de valores, normas, códigos simbólicos e regras de conduta, geradores de sentimentos, atitudes e comportamentos relativamente comuns. É, portanto, um processo fundamental não apenas para a integração do indivíduo na sua sociedade, mas também para a própria continuidade dos sistemas sociais.
4. Existem diferentes agentes de socialização (família, escola, grupo de pares, meios de comunicação social, etc.), é igualmente comum considerarem-se duas etapas distintas dentro deste processo: a socialização primária e a socialização secundária. A socialização primária ocorre durante a infância e permite a aquisição de um conjunto de “saberes base”. Por outro lado a socialização secundária acompanha toda a vida adulta e designa ajustamentos em função de alterações significativas.
5. A noção de cultura envolve dois aspetos centrais: -As produções materiais, tais como obras, valores materiais, os produtos concretos a ação humana; As produções espirituais, tais como saberes, artes, ciência, política e religiões. Só podemos dizer o que a cultura é através da própria cultura, o homem é um animal simbólico por oposição a um animal instintivo.
6. A natureza opõe-se à ideia que fazemos de cultura: a realidade biológica, os instintos, a hereditariedade, enfim, tudo o que se enquadra no que é comum aos animais e é inato. Por sua vez, a cultura é adquirida, quer dizer, aprendida por via da socialização. A cultura é o espaço vital do homem, uma espécie de “segunda natureza” dotada das leis que concebemos para nós próprios. O homem com a ciência e tecnologia pode alterar inclusivamente a própria natureza.

7. Existem três categorias básicas das condutas culturais que são:
 - Condutas implícitas no fabrico de ferramentas, utensílios, objetos ou materiais, dos quais destacamos, por exemplo, habitações, hipermercados, igrejas, automóveis, barcos, roupas, estradas, pontes, adereços, telefone, computador e barragens;
 - Condutas implícitas no estabelecimento de relações sociais de cooperação, concorrência, domínio e submissão, que contribuem para a organização e o funcionamento de instituições: família, leis, costumes, autarquias, constituições, estado, escolas, tribunais, sindicatos, moral, ensino público ou privado;
 - Condutas implícitas na elaboração e no uso de sistemas simbólicos de comunicação, como no caso da linguagem oral ou escrita, música, teatro, códigos, alfabetos, sistemas de numeração, sinais de trânsito, internet, desenho, pintura e dança.
8. O padrão cultural é o modelo de comportamento próprio de cada sociedade e que define o “normal”, os valores típicos, os limites do permitido e do proibido (tabu). Os comportamentos típicos de uma cultura são instituídos por estes padrões: define-se o que se espera que cada indivíduo faça, e o que se espera dele (expectativas comportamentais).
9. Os padrões culturais desempenham um importante papel no enquadramento da construção de significados em muitos domínios da vida social, servem de quadros de referência e marcam presença em enquanto interpretações acessíveis às pessoas. Por outro lado, os padrões culturais, ao influenciarem as atividades, os modos de relação entre as pessoas e os significados que lhes estão associados, ajudam a determinar, para um dado grupo cultural quais são as experiências comuns e o que estas podem significar. Pode-se concluir que os padrões culturais são um instrumento que permite a normalização social.
10. Os seres humanos constroem uma identidade em quatro dimensões: a identidade múltipla ou cósmica (fazemos todos parte de um só mundo); a identidade específica (fazemos parte de uma só espécie. O Homo Sapiens Sapiens); a identidade sociocultural (possuímos uma identidade social e cultural própria de um povo, que possui um património histórico, linguístico e tradicional próprio de uma comunidade ou etnia) e a identidade pessoal (cada um de nós é um ser único, individual, irrepetível, dotado de uma personalidade singular).
11. A história pessoal escreve-se no diálogo, único para cada um de nós, entre o que se é momento a momento, o que acontece e o que se experiencia. É neste diálogo que cada um compreende aquilo que acontece e que cada experiência adquire significados pessoais. A história pessoal desenrola-se no diálogo entre o que

percebemos (objetivamente) e o que (subjetivamente) construímos, faz-se relação entre o modo como nos representamos, como representamos os lugares e as situações que vivemos, os outros que encontramos e ainda os significados que criamos acerca das nossas vivências. Pode dizer-se que a experiência (experiência do mundo, experiência de nós mesmos) é um elemento inescapável da vida psicológica. E é no significado que se realiza a síntese entre a singularidade de cada pessoa e a sua situação ou contexto, quer físico, biológico ou corporal, quer sociocultural e histórico.

12. Um ser auto-organizado é o ser humano que adquire um sentido de coerência e continuidade a partir da diversidade de experiências e significados. Os significados e as histórias pessoais criadas, as formas de nos compreendermos a nós, aos outros e do mundo em que vivemos, mantêm-me mudando continuamente num mundo que muda connosco e no qual participamos.
13. A pressão social é o efeito do conformismo e da socialização, define-se como sendo a integração e interiorização dos padrões tipos de cultura, ou seja, a normalização social. O conceito de liberdade de escolha afasta-se do conceito de pressão social, visto que se define como sendo o conformismo e rejeição dos padrões de cultura, tendo um duplo efeito. Este duplo efeito divide-se em renovação ou criação de novos padrões culturais e marginalização social e exclusão dos indivíduos considerados inadaptados.
14. A herança genética refere-se a todo o conjunto de características transmitidas por via hereditária à descendência, diz respeito à herança biológica inscrita no genoma, ou seja, tudo o que é inato.
Por sua vez, o legado cultural diz respeito a todo o património material e espiritual que é transmitido por via da educação e da socialização às gerações futuras, refere-se a todo o que é adquirido.
15. Riqueza e diversidade humana são sinónimos. A diversidade humana:
 - Revela-se no plano biológico (podemos falar de uma diversidade genética expressa na variabilidade de caracteres);
 - Revela-se no plano cultural (não há uma só cultura, mas culturas, existe uma imensa heterogeneidade cultural devido a diferentes padrões culturais);
 - Revela-se no plano social (existe uma complexidade de grupos e contextos sociais que influenciam a vida dos indivíduos e os tornam progressivamente em pessoas singulares)
 - Existem vários fatores no dia-a-dia que comprovam a diversidade humana, (alguns deles não são bem aceites em diferentes culturas): comer, forma de vestir, forma de cumprimentar, linguagem, a religião ou até simples gestos que nos podem parecer

perfeitamente inofensivos na nossa sociedade mas que noutras podem ser entendidos como uma ofensa. Um exemplo destes gestos é um simples acenar para chamar um táxi, na Grécia.